

Cinema:
Entrevista com
o diretor de
'O Lutador' • 2

SEGUNDO CADERNO

Música: Como
será o Grammy
aos melhores do
disco • 8

DOMINGO, 8 DE FEVEREIRO DE 2009

Encontro de talentos

Candidatos a prêmio de melhor ator do ano se reúnem para falar de teatro

• **MARCELO FARIA:** Mais conhecido pelo trabalho na TV, o ator foi indicado ao Prêmio Shell por sua atuação como Vadinho, na adaptação de "Dona Flor e seus dois maridos", de Jorge Amado. Foi um projeto do próprio Faria, que conhecia a família do escritor e foi atrás dos direitos da obra. A peça também rendeu uma indicação de melhor diretor a Pedro Vasconcelos.

• **SERGIO BRITTO:** Aos 85 anos, ele recebe sua terceira indicação de melhor ator, por sua interpretação em "A última gravação de Krapp/ Ato sem palavras I", de Beckett. Já tem uma concha dourada em casa, recebida como homenagem a seus 80 anos. Foi o mestre-de-cerimônias do encontro, comentando a atuação de cada um dos concorrentes.

• **LEONARDO FRANCO:** O anfitrião da reunião teve que primeiro construir seu próprio teatro, o Solar de Botafogo, para poder relaxar e atuar. Deu certo: a casa ganhou um Shell no ano passado, e ele é indicado este ano por "Traição". O espetáculo também recebeu as indicações de melhor diretor, para Ary Coslov, e cenário, para Marcos Flaksman.

Leonardo Azevedo



• **RODRIGO PANDOLFO:** O caçula da turma, com apenas 24 anos, veio de Três de Maio, passou por Primavera do Leste, e chegou ao Rio, onde resolveu ser ator. Foi indicado pela atuação em "Cine-Teatro Limite", que está concorrendo ainda ao Shell de melhor autor, para Pedro Bricio; figurino, para Rui Cortez; e iluminação, para Tomás Ribas.

• **FERNANDO EIRAS:** Sabe o Max de "A noiva rebelde"? Ninguém sabia, até o ator interpretá-lo. O esforço ganhou a indicação do Shell, uma das raras indicações a um papel coadjuvante. A obra concorre ainda a melhor cenário, para Rogério Falcão; figurino, para Rita Murinho; e, na categoria especial, para Aniela Jordan, Beatriz Secchin Braga e Monica Athayde Lopes.

Uma concha dourada do Shell, o mais importante prêmio de teatro do Rio, já estava à espera dos entrevistados na entrada do Teatro Solar de Botafogo. Foi recebida no ano passado pelos atores Leonardo Franco e Claudia Lira exatamente pela construção da casa de espetáculos. Agora, em 2009, Franco é um dos indicados do prêmio a melhor ator da temporada por seu trabalho em "Traição" e, na última segunda-feira, recebeu no Solar seus rivais de Shell: Sergio Britto, por "A última gravação de Krapp/ Ato sem palavras I"; Fernando Eiras, por "A noviça rebelde"; Marcelo Faria, por "Dona Flor e seus dois maridos"; e Rodrigo Pandolfo, por "Cine-Teatro Limite". O vencedor será conhecido em março.

Juntar cinco atores num teatro tinha que acabar em entrevista no próprio palco. Primeiro, em cadeiras, que logo foram descartadas porque eles queriam sentar mesmo é no chão do palco. E, com Sergio Britto entre eles, foi natural que todos se acomodassem ao redor do mais reverenciado do grupo.

— Essa turma tem chance, viu? — garantem Britto e seu sorriso.

O Beckett encenado por Britto foi o fim de uma frustração que o ator sentia por não ter feito uma peça do autor do jeito que ele gostaria. Ele já tinha atuado em "Quatro vezes Beckett", de Gerald Thomas, e "Fim de jogo", com Amir Haddad.

— Quando fiz a peça com Amir,

ele me dizia: "Você está intelectualizando tudo. Não é assim, é muito profundo, é muito sofrido". Um dia, foi tão profundo que não conseguia mais falar o texto, a voz não saía. No dia da estreia, o Amir veio se lamentar: "Eu errei tudo! Falta humor!" — lembra Britto, de 85 anos. — E teve o Gerald. Foi eu que trouxe aquela peste para o Brasil. Um talento enorme, mas uma pessoa insuportável ao falar dos outros. Gosta de falar mal dos outros. Falou mal do Pinter! Disse que os textos do Beckett que fiz agora são péssimos!

Não são as obras de Beckett mais conhecidas, mas Britto as defende como um prêmio já conquistado:

— A *(diretora)* Isabel Cavalcanti me disse para não representar. Ela queria Sergio vivendo Krapp, alguém frustrado por chutar uma mulher e se arrepender, e me perguntou: "Nunca chutou alguém e se arrependeu?". Eu disse que não, mas, dias depois, me lembrei de umas 20 pessoas que chutei e de que me arrependi. Uma delas morreu, e era dela que eu me lembrava quando vivia Krapp.

Como um competidor que quer saber com quem está competindo, Britto — que ganhou o Shell em 2003 como uma homenagem a seus 80 anos, e já foi indicado por "Céu de

asfalto" e "Jung e eu" — assistiu a todos os seus adversários. De Fernando Eiras, diz que o ator criou um papel dentro de "A noviça rebelde", e "que bom que um personagem coadjuvante foi indicado; acaba com essa história de primeiro e segundo papéis". O próprio Eiras, que faz 52 anos no dia 21, reconhece que o personagem Max, pelo qual ele concorre, nunca foi tido como importante.

Papel coadjuvante rouba o espetáculo

• — Uma amiga foi me ver e disse: "Você tirou esse papel do buraco?". O *(autor)* Flávio Marinho também me falou que, na história de "A noviça rebelde", o personagem nunca tinha sido indicado para nada.

O ator, que já concorreu ao Shell por "Noite feliz" e "Mefisto", diz que se lembrou de Ivan de Albuquerque para compor Max:

— Comecei pensando nos quadros que me remetessem a uma imagem clownesca. Recorrer aos pintores era uma coisa que Ivan fazia, e que me ensinou. Ele gostava de pensar nos traços dos quadros, na imagem que o olho busca neles. Pensei

numa alegria contagiante para o Max. E, ao mesmo tempo, cínica, híbrida, porque ele é um jogador, usa de sua simpatia para jogar.

Se Eiras conseguiu dar a um papel coadjuvante uma indicação ao Shell, Marcelo Faria encarou o peso que um protagonista como Vadinho possui na literatura e na dramaturgia.

— E no cinema, porque todos se lembram do Vadinho de José Wilker. Acabei encontrando o caminho para esse personagem na dança de salão, apesar de sempre ter me considerado um péssimo dançarino — diz Faria, de 37 anos, que nunca tinha sido indicado ao Shell. — O veículo é que te escolhe. Sou de uma família de cineastas e fiz só um filme até hoje. Fiz TV. Mas no teatro é que tenho sentido que estou na direção certa.

O encontro em Salvador com Zélia Gattai, viúva de Jorge Amado que faleceu no ano passado, foi outro atalho pego por Marcelo Faria:

— Até então, eu só ficava nu em cena no fim, enquanto no livro o Vadinho volta nu dos mortos e fica assim até o final. Mas a Zélia me falou: "Se ele não volta pelado, não é o Vadinho". Então, resolvemos que, quando ele retornasse dos mortos, eu voltaria nu. Depois a Flor *(Carol Castro)* me daria uma cueca sam-

ba-canção para eu usar até o fim.

— Ele fica nu de verdade. Tem gente que fica sem roupa no palco, mas parece que está com roupa — diz Sergio Britto. — Em "Os autos sacramentais", do Calderón de La Barca, eu e outros atores ficávamos nus. Mas todo mundo olhava para cima. O diretor, Victor Garcia, dizia: "Assim vocês não estão pelados! Olhem ali para baixo, olhem para onde têm que olhar!" — continua Britto, que, durante a conversa, assumiu o papel de mestre-de-cerimônias. — Agora, Leonardo Franco. Conheço há muitos anos. Está fazendo "Traição", de Harold Pinter, como um ator pronto.

E como um ator que relaxou. Está na era "d.S.": "depois do Solar". No período "a.S.", Franco "acordava ansioso pensando se estava fazendo a coisa certa".

— Acordei ansioso 25 anos da minha vida. Fiz medicina, como Sergio, e também psicanálise. Vinha de uma família de médicos e não segui a carreira. Você passa a ter que provar alguma coisa. Parece que eu precisava construir um teatro, um centro cultural, para começar como ator. Aos 22 anos, tentei criar um centro num imóvel que descobri no Humaitá nos anos 1980. Fiz a proposta à prefeitura da época. Tempos depois, vi nos jornais que estavam abrindo ali o Espaço Sérgio Porto. Percebi, então, que precisava criar um centro num imóvel meu — conta Franco, de 44 anos. — Depois do Solar, relaxei muito rapidamente. Acho que "Traição" veio bem muito por isso. Fiz um Pinter, tenho um Pinter na minha vida. Há o Leonardo antes e o depois do Solar. *Continua na página 2*

Atores criticam Jandira por querer começar do zero

Sergio Britto defende Claudio Botelho e diz que também montou suas próprias peças no teatro do qual foi diretor

Rodrigo Pandolfo também sabe o que é sentir ter que provar alguma coisa. Nasceu no interior gaúcho de Três de Maio e foi criança e adolescente em Primavera do Leste, no Mato Grosso. Aos 15 anos, decidiu ser ator e veio para o Rio. Terminou o ensino médio enquanto cursava o Tablado, que ele emendou com aulas na Casa de Artes de Laranjeiras (CAL).

Após a assistência de direção de "As bruxas de Salem", dirigido por Antonio Abujamra e João Fonseca, e de "Indecência clamorosa", de Jacqueline Laurence, veio a atuação em "Bent" e em "Pão com mortadela", seus principais trabalhos. No ano passado, fez o Sábado de "Cine-Teatro Limite", "candidato legítimo ao Shell", segundo Sergio Britto.

Uma bilheteria com apenas 7% de entradas inteiras

— Pedro (Brício, autor e diretor) tirava a minha segurança o tempo inteiro. Ele queria mais simplicidade e sempre me pedia menos. No fim de um ensaio, disse: "Pandolfo, por que esse carnaval?". Parecia que estava se dirigindo, que ele imaginava interpretar o texto que escreveu. Até que eu resolvi confiar nele e só dizer o texto apenas — lembra Pandolfo, de 24 anos, sobre seu personagem no espetáculo, um rapaz que cria um roteiro de cinema com personagens da sua própria vida.

A peça de Brício é a única de um autor nacional contemporâneo entre as interpretadas pelos cinco indicados. Eles não veem problema nisso.



OS ATORES indicados ao Prêmio Shell do Rio este ano, na plateia do Solar de Botafogo: Sergio Britto (ao centro) assistiu a todos os outros

— Aqui no Solar, estávamos seguindo uma linha de montar apenas textos nacionais. Mas aí apareceu o projeto de um Harold Pinter, vou dizer "não"? — indaga Leonardo Franco.

— Isso não quer dizer que não há bons autores surgindo. Há, sim. A Daniela Pereira de Carvalho, o Jô Bilac... Mas tem uma coisa de safra, né, Sergio?

— pergunta Fernando Eiras.

— Tem. Só que a variedade

também é maravilhosa: um Beckett, um Pinter, um Jorge Amado, um musical americano e um novo autor — diz Britto.

É um conjunto de indicações que abarca cinco gerações de atores. E os cinco têm as mesmas reclamações quando se trata de política cultural.

— A meia-entrada, por exemplo. Nossos pedidos para que ela seja melhor fiscalizada parecem que nunca são considera-

dos — lamenta Eiras. — Acabei de saber que no clube do Flamengo começaram a vender carteira de estudante também.

— Do total da nossa bilheteria no Solar, 70% são de meias — completa Franco. — Mas isso não significa que os outros 30% sejam inteiras, porque tem promoção disso, daquilo. De inteira, só tenho 7% da bilheteria.

— Marieta (Severo) me ensinou algo importantíssimo: "No

Teatro Poeira, os convidados pagam R\$ 10". Volto com Beckett este mês, no Sesc-Ginástico, e aviso: meus convidados pagam R\$ 10 — diz Britto, que faz questão de retornar a uma polêmica de 2008. — O GLOBO fez uma matéria que deu uma confusão danada, falando que eu estava invisível, esquecido. Pois bem, agora repito: sou invisível. Após tudo que já fiz, após os prêmios e indicações que ti-

ve com Beckett, quase não consegui voltar ao cartaz com ele. Não conseguimos apoio. Então, só posso ser invisível.

As antigas queixas parece ter se somado uma nova preocupação: o futuro da rede municipal de teatros, com a nova secretária de Cultura, Jandira Feghall. Ela não quer mais que os diretores dos teatros decidam sozinhos a programação das casas e que montem suas próprias peças, para acabar com "o feudo nos teatros".

O "feudo" de Sergio Britto no Delfim

Os atores depositam esperanças na nova gestão, mas fazem suas ressalvas. Leonardo Franco quer saber "por que as pessoas que chegam têm sempre que mostrar que estão começando tudo do zero". Marcelo Faria acha que Claudio Botelho, ex-diretor do Teatro Carlos Gomes, "não tinha que ficar só cuidando das contas do teatro, tinha que dirigir suas coisas lá também". Sergio Britto utiliza um exemplo de sua própria carreira para defender Botelho:

— Dirigi o antigo Teatro Delfim, da prefeitura, por oito anos. Lá, fiz nove espetáculos meus e mais 30 de outras pessoas. O problema não é você continuar criando. É você não dar espaço a ninguém de fora. Para dirigir um teatro, você tem que ser uma pessoa de teatro. ■

O GLOBO NA INTERNET
VIDEO Veja imagens do encontro
oglobo.com.br/cultura